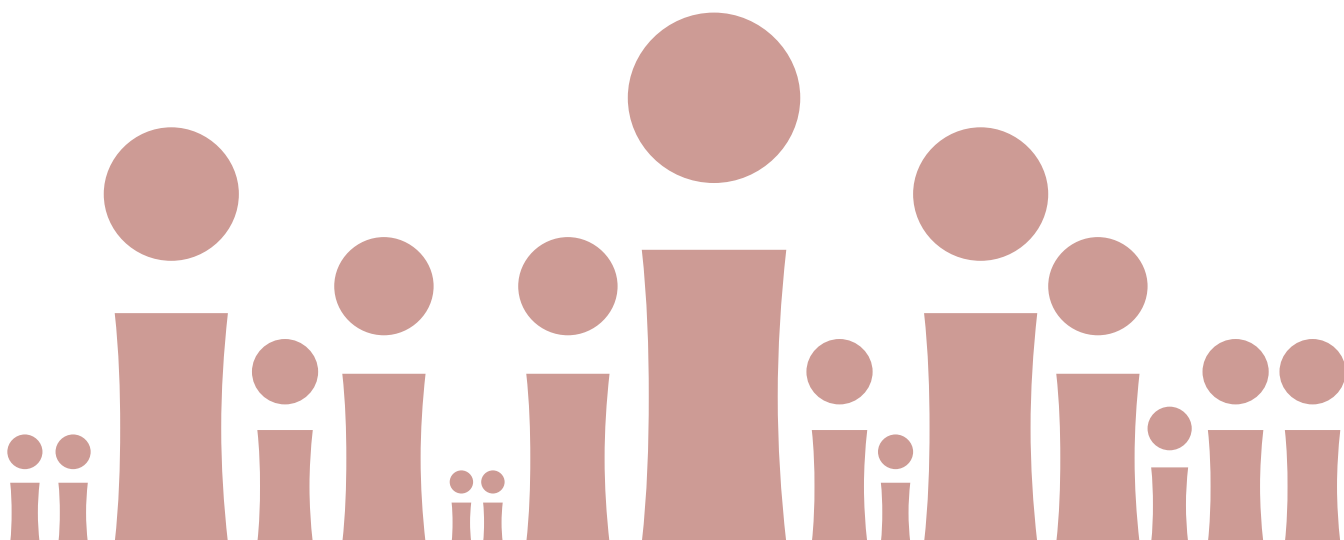




Envelhecimento masculino e protagonismo: olhares sobre participação social

[Artigo 5, páginas de 76 a 91]





Thaís Castro Monteiro

Assistente social graduada pela Universidade Estadual do Ceará (Uece), especialista em serviço social, políticas públicas e direitos sociais na mesma universidade.

thaiscmonteiro2@hotmail.com

Ingrid Rochelle Rêgo Nogueira

Assistente social graduada pela Uece, especialista em saúde pública com ênfase em saúde da família pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), em gerontologia pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG) e em saúde da pessoa idosa pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

ingridrochelle@yahoo.com.br



RESUMO

O Sesc desenvolve diversas atividades voltadas para as velhices, tais como o projeto Cidadania Ativa: Uma Nova Realidade para o Idoso, que objetiva estimular o protagonismo e a autonomia dos velhos, bem como proporcionar o convívio entre pessoas da mesma geração. Ao lançar um olhar sobre a participação dos homens nesse projeto, percebe-se que estes aparecem em número reduzido quando comparado às mulheres. A partir da apreensão dessa realidade, o presente estudo objetivou compreender a participação dos homens velhos na referida iniciativa. Para isso, a pesquisa adotou a análise qualitativa, sendo realizado inicialmente um estudo exploratório, utilizando-se das pesquisas documental e bibliográfica, seguido de observações com registro em diário de campo e de entrevista semiestruturada. Por fim, a análise das informações obtidas deu-se por meio do método hermenêutico-dialético. Tendo em vista que a reduzida atuação dos homens em grupos de longevos é uma realidade, este estudo pôde analisar os sujeitos que vão à contramão desse fato e concluir que esses indivíduos buscam construir novos projetos de vida, incluindo-se nos espaços sociais, participando de atividades e exercendo o protagonismo social.

Palavras-chave: velhice; masculinidade; protagonismo.

ABSTRACT

The Sesc develops, a number of activities directed to old age, such as the Project Active Citizenship: a new reality for the elder old (Projeto Cidadania Ativa: Uma Nova Realidade para o Idoso). It aims to encourage the protagonist of older persons, the autonomy and encourage the interaction between people of their generation. At the first glance, regarding the involvement of the men in this project, we notice that they show up in a reduced number when compared to the quantity of women. Due to the apprehension of this reality, this study intended to understand the participation of the old mans of the male gender on this project. For that, this search adopted the qualitative method, being initially realized the exploratory study, using bibliographic and documentary research followed by observations with records in the field diary and the semi-structured interview. Finally, the analysis of the obtained information has been got through the hermeneutic-dialectical method. Taking into consideration that the reduced performance of men in groups of aged people is a reality, this study could analyze the subjects whom go against this evidence and it concludes that different of the majority, they seek for new projects of life, by including them in social places, participating and exercising the social protagonism.

Keywords: old age; masculinity; protagonism.

INTRODUÇÃO

O crescimento da população velha é um fenômeno mundial. Diante disso, torna-se necessária a promoção de ações que proporcionem qualidade de vida e cidadania nos diversos processos de envelhecimento e velhices, de modo que aos velhos e às velhas sejam assegurados direitos, espaços de socialização, voz, acesso às políticas públicas, autonomia, independência e convívio intergeracional, dentre outras garantias.

No Brasil, algumas instituições possibilitam aos longevos espaços de inserção e atuação, dentre as quais destaca-se o Sesc através do Trabalho Social com Idosos (TSI). No Ceará, o TSI desenvolve suas ações por meio da formação de grupos, a saber: grupos sociais de idosos, intergeracionais e de voluntários. As atividades são desenvolvidas em cursos, oficinas e projetos destinados aos velhos e velhas, tais como o projeto Cidadania Ativa: Uma Nova Realidade para o Idoso.

Esse projeto teve início no ano de 2008, no estado do Ceará, tendo como objetivos estimular e valorizar saberes, experiências e vivências dos velhos e velhas, contribuindo para a ampliação da qualidade de vida e cidadania desse público. A metodologia de trabalho consiste em promover reuniões (em sua maioria palestras e oficinas) para pessoas idosas moradoras de seis comunidades socialmente vulneráveis no município de Fortaleza, com periodicidade quinzenal, e são facilitadas por velhos e velhas integrantes do TSI, que atuam como voluntários acompanhados pela equipe do Sesc.

Portanto, o projeto em questão atende a dois grupos, quais sejam: os moradores das comunidades nas quais ele atua, denominados protagonistas do controle social, e os participantes do TSI, que atuam como voluntários e são chamados de protagonistas do Sesc. Estes últimos se organizam por comissões, quais sejam: palestra, apoio e integração, trabalho comunitário e oficina. Os critérios para essa divisão estão alinhados com as habilidades e os desejos dos participantes no momento do engajamento no projeto Cidadania Ativa: Uma Nova Realidade para o Idoso.

O Sesc é responsável por fornecer o transporte para o deslocamento até as comunidades, as atividades desenvolvidas recebem orientação de uma assistente social da equipe de referência do TSI e os idosos participam de capacitações periódicas, referentes à temática a ser trabalhada durante o ano. Além disso, participam mensalmente de um grupo de estudos que aborda temas gerontológicos, necessários à intervenção nas comunidades.

Artigo 5Envelhecimento masculino e protagonismo:
olhares sobre participação social

Todavia, mulheres e homens adentram nesses espaços destinados à velhice de formas distintas, sendo observada uma baixa participação masculina. Destarte, esta pesquisa objetivou compreender a participação dos protagonistas do gênero masculino no Cidadania Ativa: Uma Nova Realidade para o Idoso. Para isso, buscou-se apreender os conceitos de envelhecimento, masculinidade, participação social e protagonismo e a atuação dos velhos na sociedade a partir da percepção dos homens participantes desse projeto.

O CAMINHO METODOLÓGICO

A primeira etapa da pesquisa consistiu em um estudo exploratório, utilizando-se pesquisa documental e bibliográfica. Em seguida, foram realizadas observações nos encontros do projeto e registros no diário de campo. Posteriormente, valeu-se de entrevista semiestruturada, que se trata de uma conversa entre dois ou mais interlocutores, destinada a obter informações a partir da fala dos sujeitos (Minayo, 2010).

Foram entrevistados cinco homens integrantes de um dos grupos existentes no referido projeto, o grupo de protagonistas do Sesc¹. A pesquisa acatou os princípios éticos, respeitando a dignidade e a autonomia dos sujeitos, sendo mantido o anonimato dos participantes.

Para a análise das informações obtidas, utilizou-se o método hermenêutico-dialético. Segundo Minayo (1996, p. 231), a união da hermenêutica com a dialética leva o pesquisador a entender a fala, o depoimento, como resultado de um processo social no qual são levadas em consideração as relações de trabalho e dominação.

O modelo teórico-metodológico adotado foi de natureza qualitativa. Ainda de acordo com Minayo, esse tipo de abordagem se preocupa “(...) com um nível de realidade que não pode ser quantificado, pois trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes” (2010, p. 21-22).

REFLETINDO SOBRE VELHICE, GÊNERO E PARTICIPAÇÃO SOCIAL

Ao tratar de velhices é importante analisar as questões de gênero nela imbricadas. No que diz respeito ao gênero feminino, historicamente lhe foi destinado algumas atribuições, tais como a dos cuidados e das tarefas domésticas. Entretanto, essas imputações estão sofrendo

1 O projeto Cidadania Ativa: Uma Nova Realidade para o Idoso atende dois grupos distintos; o grupo de protagonistas do Sesc, composto de longevos que desenvolvem atividades nas comunidades, atuando como voluntários; e o grupo de protagonistas do controle social, formado pelo público envelhecido das comunidades onde o projeto atua.

transformações, visto que os avanços conquistados no século XX pelos movimentos feministas resultaram em maior liberdade às mulheres, inclusive às velhas (Neri, 2009).

Em se tratando do gênero masculino, para compreender seu processo de envelhecimento é importante analisar as construções sociais que perpassam a ideia de masculinidade. Paschoal (2006) aponta a função de provedor como um dos principais papéis sociais atribuídos aos homens. Desse modo, a atividade laboral assume lugar de destaque na ótica do padrão de masculinidade tradicional e o desligamento do mercado de trabalho, provocado pela aposentadoria, se configura como um elemento importante a ser analisado no que diz respeito ao envelhecimento masculino (Neri, 2009).

Alguns homens têm sua identidade tão ligada à empresa em que trabalham que quando se aposentam é como se não se reconhecessem. Considerando a posição social concedida às pessoas em atividade laboral, o alheamento do indivíduo de sua função profissional é considerado um dos marcos sociais do envelhecimento (Debert, 2003).

Embora haja homens que percebam a aposentadoria de forma negativa, alguns a consideram, conforme Motta (2009), como a oportunidade de fazer coisas postergadas em razão de outras prioridades como emprego, filhos e necessidade de segurança pessoal. Portanto, a aposentadoria pode ser vista também como tempo de construção de novos projetos de vida e busca por espaços de participação social.

No que se refere à participação social, é importante compreender que hoje a população velha está conquistando cada vez mais espaço. Na década de 1990, com os avanços constitucionais, vários canais participativos foram criados, tais como os conselhos e fóruns que tratam dos direitos inerentes à velhice. Para além dessas propostas, existem outros espaços que possibilitam a participação dos velhos, tais como as universidades abertas e os grupos de convivência, dentre outras iniciativas (Justo, Rozendo e Correa, 2010).

Em relação ao protagonismo, nas ciências sociais, esse termo tem sido utilizado para designar conjuntos de atores sociais que desencadeiam ações e se colocam ativamente na construção da história (Minayo, 2001). Nessa perspectiva, os sujeitos participantes dessa pesquisa representam uma parcela dessa geração de homens velhos que estão buscando inserção nos espaços de participação e o exercício de sua autonomia e protagonismo político-social.

Artigo 5

Envelhecimento masculino e protagonismo:
olhares sobre participação social

RESULTADOS

A interseccionalidade entre geração, gênero, classe, entre outros aspectos, interfere na forma como os indivíduos vivenciam seu processo de envelhecimento. Assim, cabe salientar que os participantes da pesquisa são provenientes de realidades diversas, portanto a velhice para eles assume representações particulares. Tendo isso em vista, ao serem questionados sobre o significado de velhice, as respostas tiveram direcionamentos díspares. Alguns a caracterizaram como algo bom e outros a vincularam a aspectos negativos:

“Para mim, a velhice é muito positiva. Ave Maria! Eu queria era que a minha idade durasse duas vezes, que eu queria viver mais ainda” (Pedro, 70 anos).

“Eu acho que a velhice representa limitação. É ser limitado e dependente” (Iago, 62 anos).

Essa negatividade dada à velhice pode ser entendida a partir de Rodrigues e Soares (2006). Os autores explicam que as constantes inovações tecnológicas características do mundo contemporâneo tornaram a instantaneidade e o descarte marcas da atualidade. Tal fato favoreceu o culto ao novo em detrimento do velho, que por sua vez passou a ter a imagem relacionada à inutilidade. Além disso, são evidenciadas pela sociedade moderna apenas as perdas que acometem os sujeitos envelhecidos, o que incentiva estigmas relacionados à velhice como uma fase de prejuízos (Neri, 2009). Esse estereótipo também pode ser reproduzido pelos velhos, como identificado nesta fala:

“Olha, a velhice é, por exemplo, meu pai, ele é velho, porque ele está numa cama, não tá saindo mais, ele é dependente, precisa da gente” (Iago, 62 anos).

O significado negativo atribuído à velhice faz com que as pessoas não se sintam contempladas pelo sentido que a palavra enseja. Identificou-se isso quando perguntados se estes consideravam-se pessoas velhas, eles disseram:

“Eu não me considero uma pessoa velha de jeito nenhum, porque eu ainda tô na ativa, participo, saio, me divirto” (Iago, 62 anos).

“Não, eu não me considero velho não, porque tenho minhas atividades plenas, lógico, dentro das restrições naturais da idade, mas eu pratico esporte, tenho meu trabalho, tenho minhas atividades não remuneradas como voluntário no Sesc, na minha associação também, né? Então, eu me considero uma pessoa ainda útil para a vida” (Victor, 76 anos).

Apesar dos estigmas como desabilidade, declínio e inutilidade passarem o ideário social do que seja a velhice, Debert (2012) afirma que, nas últimas décadas, a ideia de perdas vem sendo aos poucos substituída, dando espaço à visão de que os estágios mais avançados da vida podem representar momentos favoráveis a novas conquistas, guiadas pela busca do prazer e da satisfação pessoal.

Isso pode ser associado à participação crescente dos velhos e velhas nos mais diversos espaços sociais. Visto isso, apesar de alguns estigmas terem sido expressos nas entrevistas, os participantes reconheceram também a velhice como uma experiência satisfatória, como demonstrado através dos discursos:

“A velhice pra mim é algo muito importante, porque eu nunca pensei de chegar nessa idade que eu tô, tendo essa vida que eu tô levando, fazendo várias atividades, com saúde, graças a Deus” (Pedro, 70 anos).

“A velhice pra mim é o seguinte, eu sinceramente aceito ela muito bem. Eu tenho minhas atividades no Sesc, sou saudável, então eu posso considerar que a velhice para mim é boa” (Lucas, 71).

Essas falas demonstram que o envelhecimento pode ser uma fase positiva, participativa e saudável, que se distancia dos estereótipos propagados. Para melhor compreender a atuação dos homens no cenário social, o tópico seguinte tratará a respeito do conceito de masculinidade à luz dos velhos entrevistados.



Os sujeitos participantes dessa pesquisa representam uma parcela dessa geração de homens velhos que estão buscando inserção nos espaços de participação e o exercício de sua autonomia e protagonismo político-social.

Artigo 5Envelhecimento masculino e protagonismo:
olhares sobre participação social**O QUE OS HOMENS VELHOS TÊM A DIZER SOBRE MASCULINIDADE?**

De acordo com Nolasco (1993), a construção da masculinidade ocorre para os homens desde a infância. Culturalmente, aos meninos foram direcionadas brincadeiras que exigiam força física, já às meninas eram destinadas brincadeiras de cunho afetivo. Essa distinção legitimava a ideia de “sexo forte”. Além disso, os brinquedos que remetessem às tarefas domésticas não lhes diziam respeito, expressando a ideia de que os elementos da vida privada não competem ao homem, sendo a esfera pública o espaço no qual deveriam atuar.

Essas construções sociais não estão bem demarcadas, pois as conquistas das mulheres a partir dos anos 1960 fizeram com que as funções femininas e masculinas fossem redefinidas. Entretanto, a ideia de uma divisão de papéis para os gêneros ainda está arraigada no cenário atual, inclusive a concepção de que os homens devem ser os provedores de sua família. Isso foi expresso durante as entrevistas:

“Para ser um homem, é o seguinte, eu me considero homem porque toda vida eu fui um homem de responsabilidade. Até hoje, mesmo eu sendo separado, eu nunca abandonei meus filhos, eu deixei eles todos encaminhados e eu me considero homem por isso. As pessoas que me conhecem sabem, sempre dizem que eu sou um homem de responsabilidade” (Pedro, 70 anos).

O encargo de manter economicamente a família foi um atributo citado por todos os entrevistados quando perguntados sobre o que era ser homem para eles. Embora alguns reconheçam que na atualidade a mulher também assume diversos papéis, consideraram que a responsabilidade do sustento da família é uma marcante característica masculina.

“Ser homem é o seguinte, é a pessoa que assume a responsabilidade da casa. Não querendo ser o maioral, mandante em casa, até porque tudo que eu vou fazer é combinando com minha esposa, mas agora a palavra final é sempre minha, né? Então ser homem é isso, ter responsabilidade por tudo” (Lucas, 71 anos).

“Ser homem é ter um pouco mais de responsabilidade. Embora no mundo que estamos vivendo hoje, de uns dez anos pra cá, a mulher se colocou em paralelo ao homem, mas é isso, responsabilidade” (Caleb, 60 anos).

As mudanças sociais a que o homem hoje velho assistiu remetem a diversas transformações no padrão predominante de masculinidade, porém o discurso dos velhos reflete papéis, atitudes e valores definidos segundo modelos construídos sobre a base biológica que determinam o homem como mantenedor e reprodutor, devendo ser forte, dominador e viril (Nolasco, 1993), conforme exposto pelos velhos quando foram questionados a respeito de sua concepção de masculinidade:

“Masculinidade, na sua acepção principal, é a capacidade de ser antagonista à feminilidade, ou seja, é o homem reprodutor, é o homem que vive como homem, né? Isso é a masculinidade para mim, no meu entender é a capacidade que o homem tem de ser másculo, não ser fêmea, que é o contrário” (Victor, 76 anos).

“Masculinidade é ter capacidade física” (Caleb, 60 anos).

“Masculinidade é a pessoa ser *masculino*, é ser o chefe da casa, o mandante” (Lucas, 71 anos).

Diante das falas, uma das difíceis tarefas dos homens que envelhecem é a de refazer sua identidade de gênero frente à perda de vários dos atributos que continuam a definir a masculinidade hegemônica, tais como a força física e a potência sexual. Nesse sentido, a masculinidade vai ser posta à prova, pois quem determina seu êxito enquanto másculo é a sua virilidade (Nolasco, 1993). A importância dada à sexualidade foi expressa por um dos entrevistados ao ser indagado sobre como exercia sua masculinidade:

“Eu tô gostando porque é uma forma indireta de saber se eu ainda sou, vamos dizer assim, ativo, né? Como homem, né? Bom, eu continuo exercendo minha masculinidade, porque eu continuo um homem ativo do ponto de vista sexual, embora, lógico, que não é mais daquele homem de quando eu era garotão, quando eu tinha 20 anos, né! Eu acredito que a sexualidade marca bem a masculinidade do homem” (Victor, 76 anos).

A virilidade é um aspecto muito exigido ao gênero masculino. Com a chegada da velhice, o homem pode continuar procriando, mas tem de conviver com o que Paschoal (2006) denomina como o fantasma da impotência sexual.

Artigo 5Envelhecimento masculino e protagonismo:
olhares sobre participação social

De acordo com Costa (1998), o ideal de masculinidade vinculado à sexualidade tem suas raízes na sociedade colonial brasileira, em que a construção machista da conduta masculina foi composta principalmente por características “naturais”, quais sejam: ser másculo, viril e forte. O sexo aparecia enquanto indicador de poder masculino. Nesse sentido, a masculinidade deveria ser afirmada e comprovada através da capacidade de se manter viril.

Foi possível identificar que embora as construções hegemônicas sobre masculinidade permaneçam latentes no cenário contemporâneo, foram expressos novos significados no que tange aos papéis masculinos. As novas representações vêm permitindo que os homens adiram a propostas antes consideradas exclusivamente femininas.

**PARTICIPAÇÃO SOCIAL E PROTAGONISMO SOB A VISÃO
DOS PARTICIPANTES**

Para entender a visão que os sujeitos participantes têm a respeito de participação social e protagonismo, faz-se necessário apreender os espaços ocupados pelo homem na sociedade. Tendo em vista que um dos seus principais locais de participação é o ambiente de trabalho, o desligamento das atividades laborais pode representar um momento de dificuldade e fragilidade para alguns homens (Augusto, Miguel e Alabarse, 2009).

Na busca por novos espaços de socialização, alguns homens encontram nos grupos de convivência uma alternativa de participação social e ocupação do tempo livre (Debert, 2012). É o caso dos sujeitos que participaram desta pesquisa que, uma vez aposentados, perceberam, no ingresso em um projeto social como voluntários, possibilidade de engajamento e de evitar o isolamento social. A esse respeito, Lucas (71 anos) afirmou:

“Eu decidi ficar participando do projeto porque depois que eu me aposentei eu ficava sozinho em casa, aí se era de eu estar direto em casa, só, eu preferi vir pra cá. Aqui eu pego mais conhecimentos, graças ao Sesc e ao Cidadania eu fiz um novo ciclo de amizades, então foi muito importante. Se a gente ficar direto em casa, envelhece antes do tempo, a gente vindo pro projeto está conhecendo gente nova, caras novas”.

Motta (1999) acredita que os grupos de velhos são espaços privilegiados para o exercício da sociabilidade, haja vista sua característica

de encontro, assimilação de ideias e troca de opiniões. O contato com pessoas proporciona a criação de novos vínculos, afastando o velho do isolamento social. Essa necessidade de convívio, de inserção num grupo social no qual possa interagir com seus pares geracionais e buscar novas possibilidades para a vida também foi um elemento presente em outros discursos, tais como o de Victor (76 anos):

“O Cidadania é uma forma de eu mostrar meu potencial, colocar à disposição aquilo que eu sei, que eu gosto de fazer, que é estar em comunidade, com as pessoas, participando. No frigar dos ovos, o que me motivou foi isso, saber que eu ia ficar em contato com as pessoas, estar em comunidade, em associação com pessoas”.

Borges (2002) afirma que a necessidade de participar da vida em sociedade é algo inerente ao ser humano. No entanto, conforme já explicitado, nem todos os homens assumem uma postura participativa. Diante disso, se fez importante compreender qual o entendimento dos sujeitos atuantes a respeito da categoria participação social. Sobre ela, um dos participantes inferiu:

“Participação social... é, eu acho que é a vivência em sociedade, né? É você ser útil à sociedade. Na minha maneira de ver, é isso. É ser participativo no meio em que você vive” (Victor, 76 anos).

Diante do exposto, percebe-se que a participação social aparece para ele como uma forma de atuar em seu meio social. Essa ideia foi expressa por outros entrevistados, mas alguns acrescentaram uma perspectiva crítica a essa categoria, compreendendo-a como uma estratégia de luta pela melhoria dos problemas coletivos. Isso pôde ser expresso através da fala de Iago (62 anos): “Participação social é você tentar brigar por melhorias na comunidade em que você vive”.

Concernente à forma como velhos e velhas vivenciam a participação social, foi indagado aos sujeitos da pesquisa como eles percebiam a participação masculina no projeto que integram. Diante do questionamento, responderam:

“Eu fico assim com uma interrogação na cabeça sobre a participação masculina. Eu acho que ela é pequena, mas agora, o motivo deve ser porque alguns homens pensam: ah, eu não vou participar disso, isso é coisa de mulher” (Caleb, 60 anos).

Artigo 5Envelhecimento masculino e protagonismo:
olhares sobre participação social

“Ela é diminuta em relação à participação feminina, isso todos notam que em termos numéricos eles são infinitamente menores do que as mulheres. Porque, assim, o que se vê é que o homem ainda usa o estereótipo de que trabalho comunitário, trabalho social é com mulher, tanto é que nas igrejas, nas comunidades religiosas, se vê mais mulher” (Victor, 76 anos).

Os participantes apontaram como causa para o número reduzido de participantes do gênero masculino o fato de o projeto Cidadania Ativa “não ter muitas atividades voltadas para os homens”, demonstrando como ainda é forte no ideário deles a ideia de que homens e mulheres devem executar atividades definidas de acordo com padrões tradicionais de gênero, como ressaltam as falas de Pedro e Iago:

“No Cidadania não tem muita coisa pra homem, as coisas aqui são mais voltadas para as mulheres” (Pedro, 70 anos).

“Os homens não têm muita iniciativa assim de participar, mas também, eu acho que é porque está faltando atividades para os homens no Cidadania Ativa” (Iago, 62 anos).

Portanto, mesmo com um cenário que retrata a não participação masculina, os pesquisados se apresentam enquanto exceção a essa realidade. Tendo em vista que o sujeito protagonista distingue suas ações quando expressa iniciativa, o fato desses homens terem optado por participar e se inserir nos espaços sociais os qualifica enquanto protagonistas (Justo, Rozendo e Correa, 2010). No que diz respeito ao termo protagonismo, quando questionados a respeito do que entendiam sobre ele, os velhos disseram:

“Rapaz, protagonismo são as contribuições que nós damos nas comunidades” (Pedro, 70 anos).

“É quando a gente ajuda os idosos trazendo conhecimento” (Caleb, 60 anos).

“É ser participativo, levar conhecimento, ouvir, ajudar, tentar passar um pouco do que você sabe para os idosos da comunidade” (Iago, 62 anos).

“Protagonismo é quando a gente ajuda as pessoas das comunidades, afinal nós fomos capacitados para isso” (Lucas, 71 anos).

As falas demonstram que a concepção de protagonismo para os entrevistados está associada às atividades realizadas no projeto. A limitação em conceituar o referido termo pode indicar que eles não visualizam em outros espaços o exercício do protagonismo. Sendo assim, o significado da categoria se mostrou mais direcionado a uma vertente de contribuição, a da ideia de transmitir conhecimentos e saberes para outras pessoas.

A esse respeito cabe destacar que é necessária a ampliação da percepção de protagonismo político-social para além do projeto em que atuam, entendendo que tal exercício deve ser assumido como uma postura de autonomia, participação social e reivindicação de direitos nos mais diversos espaços sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo visou compreender a participação de homens velhos protagonistas no projeto Cidadania Ativa: Uma Nova Realidade para o Idoso. Ao apreender as concepções de envelhecimento, os partícipes expressaram entender a velhice ora como uma fase positiva na qual conseguem manter-se ativos ora como um momento caracterizado por limitações e dependência.

No que se refere à masculinidade, quando questionados sobre o que era ser homem, todos ressaltaram a responsabilidade de prover a família, apesar de reconhecerem que a mulher vem assumindo também esse papel. A virilidade também foi destacada como elemento marcador da masculinidade.

Ao tratar de participação social, os velhos a remeteram à atuação no projeto. Além disso, a definiram como a reivindicação por melhorias no meio em que vivem, assumindo o viés de luta por direitos. Sobre protagonismo, todos associaram às contribuições que dão a outras pessoas por meio de sua atuação como voluntários nas comunidades.

Portanto, considera-se que a participação dos homens no projeto Cidadania Ativa: Uma Nova Realidade para o Idoso tem várias motivações, tais como a redução da solidão, possibilidade de sentir-se socialmente produtivo e a convivência com outros velhos.

Artigo 5

Envelhecimento masculino e protagonismo:
 olhares sobre participação social

A atuação dos velhos no referido projeto demonstra que eles buscam a realização de novos projetos de vida, formas de adaptação a sua condição geracional, continuarem ativos e inseridos no convívio social. As falas evidenciam também que a velhice é múltipla, não podendo ser polarizada como perdas ou ganhos, algo positivo ou negativo ou mesmo estereotipada, mas que é vivenciada e percebida de formas diversas, conforme as realidades sociais, sendo repleta de possibilidades e desafios como todo o curso de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, J. C. M. *A participação social a partir do Programa Federal Territórios da Cidadania: o caso do território do Cariri/CE*. Dissertação (mestrado), Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional Sustentável. Juazeiro do Norte/CE, 2013. Disponível em: <http://sites.ufca.edu.br/proder/wp-content/uploads/sites/19/2019/08/DISSERTA%C3%87%C3%83O-JOSEFA-CICERA-MARTINS-ALVES.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2021.
- AUGUSTO, D. N.; MIGUEL, D.; ALABARSE, S. O envelhecimento sob a ótica masculina. *Seminário Envelhecimento Masculino*, São Paulo, Sesc, 2009. Disponível em: http://www.mpgg.mp.br/portal/arquivos/2013/04/26/14_22_54_332-O_envelhecimento_sob_a_%C3%B3tica_masculina.pdf. Acesso em: 5 out. 2015.
- BORGES, C. M. M. *Gestão participativa em organizações de idosos: instrumento para a promoção da cidadania*. Freitas, E. V. et al. *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.
- COSTA, J. F. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- DEBERT, G. G. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de privatização do envelhecimento*. São Paulo: Edusp, 2012.
- JUSTO, J. S.; ROZENDO, A. S.; CORREA, M. R. O idoso como protagonista social. *A Terceira Idade*, v. 21, p. 39-53, 2010.
- MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. Minayo, M. C. S. (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- _____. *O desafio do conhecimento*. Pesquisa qualitativa em saúde. 4. ed. São Paulo: Hucitec: Abrasco, 1996.
- _____. (org.) *Pesquisa social: teoria método e criatividade*. 29. ed., Petrópolis: Vozes, 2010.
- MORI, M. E.; COELHO, V. L. D. Mulheres de corpo e alma: aspectos biopsicossociais da meia-idade feminina. *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, v. 17, n. 2, 2004.
- MOSSE, G. L. Masculinidade e decadência. Porter, R.; Teich, M. (org.). *Conhecimento sexual, ciência sexual: a história das atitudes em relação à sexualidade*. São Paulo: Unesp: Cambridge University Press, 1998.

- MOTTA, A. B. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 3, p. 191-221, 1999.
- O homem idoso e sua participação na sociedade atual. *A Terceira Idade: estudos sobre o envelhecimento*. São Paulo, Sesc, v. 20, n. 46, p. 21-32, 2009.
- NERI, A. L.; FREIRE, S. A. Apresentação. Qual é a idade da velhice? Neri, A. L.; Freire, S. A. (org.). *E por falar em boa velhice*. Campinas: Papyrus, 2000.
- NERI, A. A. O envelhecimento masculino no universo do trabalho: desafios e oportunidades depois dos 50 anos. *A Terceira Idade: estudos sobre o envelhecimento*. São Paulo, Sesc, v. 20, n. 46, 2009.
- NOLASCO, S. Masculinidade: reflexões contemporâneas. *Reflexões Líricas, Vozes/Cultura*, v. 87, p. 71-80, set.-out. 1987.
- PASCHOAL, S. M. P. Qualidade de vida na velhice. Freitas, E. V. et al. (org.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 147-152, 2006.
- PEIXOTO, C. E. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. M. M. Lins de Barros (org.). *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003.
- RODRIGUES, L. S. de; SOARES, G. A. Velho, idoso e terceira idade na sociedade contemporânea. *Revista Ágora*. Espírito Santo, n. 4, p. 1-29, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/agora/article/view/1901>. Acesso em: 12 jan. 2016.
- ROZENDO, A. S.; JUSTO, J. S. Velhice e terceira idade: tempo, espaço e subjetividade. *Revista Kairós*, v. 14, n. 2, p. 143-159, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/126922>. Acesso em: 16 jan. 2016.
- ROZENDO, A. S. et al. Protagonismo político e social na velhice: cenários, potência e problemáticas. *Revista Kairós Gerontologia*, v. 13, n. 1, São Paulo, p. 35-52, 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/4857>. Acesso em: 21 jan. 2016.
- SARTI, C. A. A família como ordem simbólica. *Psicologia USP*. São Paulo, v. 15, n. 3, 2004. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/250047276_A_familia_como_ordem_simbolica. Acesso em: 20 dez. 2010.
- SILVA, L. R. F. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. *História, Ciências, Saúde: Revista História, Ciências, Saúde*. Rio de Janeiro, v.15, n. 1, 2001.